



SEÇÃO TEMÁTICA

## Corporalidade e experiência religiosa na igreja Verbo da Vida

### *Corporeality and religious experience in Verbo da Vida church*

*Anderson Severino de Oliveira Tavares\**  
*Orivaldo Pimentel Lopes Júnior\*\**

**Resumo:** Neste artigo, analisamos as pedagogias da corporalidade exercitadas na igreja neopentecostal Verbo da Vida. A pesquisa, qualitativa, foi realizada utilizando a observação direta nos cultos e eventos da instituição, bem como realizando entrevista semiestruturada com amostra não aleatória de membros. Ao observarmos os pastores e ministros mobilizando e estimulando os fiéis para o uso da gestualidade no culto, verificamos que estes, ao sentirem a “manifestação da unção” em seus corpos, ativam um conjunto de técnicas corporais. Nisso, os fiéis correm, dançam, pulam, cambaleiam e falam em línguas estranhas, sentindo em seus corpos sensações de “arrepio”, “alegria”, “senso da presença de Deus”, “energia” e “poder”, também associando as sensações aos efeitos de uma “droga” ou de um “energético”.

**Palavras-chave:** Neopentecostalismo. Pedagogias da corporalidade. Experiência religiosa.

**Abstract:** This article analyses the pedagogies of corporeality developed in Verbo da Vida Neopentecostal Church. The qualitative research was done using direct observation during services and events in the institution, as well as semi-structured interviews with non-random member samples. As we observed priests and ministers mobilizing and stimulating believers for the use of gestuality in services, we attested that they felt the “anointing’s manifestation” onto their bodies activated a set of “corporeal techniques.” At those moments, the believers run, dance, jump, stagger and speak in strange languages, feeling in their bodies sensations like “shivers,” “joy,” “sense of God’s presence,” “energy” and “power,” also associating such sensations to the effects of a “drug” or of an “energy drink.”

**Keywords:** Neopentecostalism. Corporeal pedagogy. Religious experience.

---

\* Professor de sociologia da SEECT-PB. Doutor em ciências sociais (UFRN). ORCID: 0000-0002-2697-5389 – contato: [andersontavares.cs@gmail.com](mailto:andersontavares.cs@gmail.com)

\*\* Professor do PPG em ciências sociais da UFRN. Doutor em ciências sociais (UFRN). ORCID: 0000-0001-8114-4169 – contato: [orivaldojr@yahoo.com.br](mailto:orivaldojr@yahoo.com.br)

## Introdução

Neste artigo, analisamos as pedagogias da corporalidade exercitadas na igreja neopentecostal Verbo da Vida, localizada na cidade de Campina Grande - Paraíba. Para isso, observamos o conjunto de técnicas corporais que são transmitidas pelos pastores e ministros por meio de suas performances discursivas e corporais nos cultos, bem como consideramos as experiências dos fiéis ao adquirirem as formas de usar a corporalidade. A pesquisa, qualitativa, foi realizada utilizando a observação direta nos cultos e eventos da IVV, bem como realizando entrevistas semiestruturadas com amostras não aleatórias de membros da comunidade selecionada.

O presente estudo é um recorte de nossa pesquisa de doutorado que teve como enfoque a corporalidade e a experiência religiosa, temáticas em destaque nos estudos socioantropológicos brasileiros sobre religião ao longo das últimas décadas (Maués, 2000; Rabelo, 2011; Cesarino, 2015; Albuquerque Júnior, 2018). Todavia, este trabalho propõe uma nova abordagem à discussão, em termos de pedagogias da corporalidade, tendo como objeto empírico a Igreja Verbo da Vida (IVV). Essa instituição religiosa, vale ressaltar, embora neopentecostal, como outras já estudadas academicamente, contém características e um modelo de corporalidade ainda não discutidos.

Marcel Mauss ([1934] 2003, p. 211) formula o conceito de *técnicas corporais*, entendendo-o como as diferentes maneiras através das quais os seres humanos sabem servir-se de seus corpos, variando de sociedade para sociedade e de acordo com a linha da temporalidade. O estudo das pedagogias da corporalidade envolve os detalhes de como essas técnicas são ensinadas e as experiências dos sujeitos ao adquirirem novas habilidades corporais. Conforme Philip Mellor e Chris Schilling (2010, p. 30), por *pedagogia da corporalidade* entende-se os mecanismos centrais pelos quais a cultura visa transmitir suas principais técnicas corporais, habilidades, disposições e crenças, bem como as experiências associadas com a aquisição dessas maneiras de usar o corpo e os resultados do processo de incorporação das referidas técnicas.

Mobilizamos como perspectiva teórica um conjunto de autores para discutir as pedagogias da corporalidade colocadas em curso na IVV. Sobre as transmissões das técnicas corporais, disposições e crenças, utilizamos os estudos de Stanley Tambiah (1985) e Bauman e Briggs, (2006) sobre rituais e performance. No que se refere às experiências corporais dos indivíduos, utilizamos o conceito de *modos somáticos de atenção*, de Thomas Csordas (2008), e também o estudo de Rebecca Norris (2005) e de Simon Coleman (2000).

Inicialmente, discutimos como o pastor, agente importante na transmissão da religião neopentecostal, através de sua performance no culto, atua no sentido de despertar emoções e atitudes nos fiéis, mobilizando-os para a execução prática dos modelos de corporalidade propostos por ele, agente institucional para a ativação de um conjunto de técnicas corporais.

Posteriormente, focalizamos as narrativas das experiências religiosas dos fiéis da IVV, analisando os sentimentos, as emoções e as sensações corporais que emergiram quando eles participaram dos cultos e das demais atividades realizadas no âmbito da organização

religiosa. Os resultados do processo de incorporação das técnicas, disposições e crenças foram observados através dos sentimentos e das experiências que resultam na mudança de valores, em disposições para agir e em qualquer outro aspecto constituído através do *habitus* religioso. Ressaltamos que o *habitus* refere-se a uma disposição corporal socialmente estruturada que organiza os sentidos de ação em hierarquias particulares que predispoem os indivíduos a maneiras específicas de conhecer e de agir no mundo (Mellor; Schilling, 2010, p. 30).

### Meios de transmissão da religião neopentecostal

As igrejas neopentecostais, através da Teologia da Prosperidade, propagam a mensagem de que todo cristão deve “reinar em vida”. De acordo com essa doutrina, todas as bênçãos já estão disponíveis aos cristãos, pois tudo já lhes foi dado de antemão através do sacrifício de Jesus na cruz. Para ter êxito nessa vida, obtendo aquilo de que necessita, o crente aprende sobre o poder da fé e da confissão. É através da fé, declarando a “Palavra” e “em nome de Jesus” que se alcança o almejado – este ato é denominado de Confissão Positiva. Nesse exercício, os fiéis são convidados a testemunhar, declarando diante da comunidade, as bênçãos já obtidas. Durante os cultos da IVV, o pastor, maior autoridade espiritual dentro da igreja, também tem o encargo de proclamar as bênçãos de Deus para a vida de seus membros.

Na ordem minuciosa da liturgia dos cultos da IVV, o pastor é o principal responsável pela formulação e manutenção de códigos claros o mais possível relativos às performances corporais dos participantes. Esse protagonismo na direção da ativação das performances gestuais dos fiéis é exercido pelos pastores durante as pregações, através de modulações ascendentes e descendentes da voz e do acionamento de repertórios de gestualidade corporal.

O pastor, como figura central a ser visibilizada, produz um modelo de corporalidade que passa a ser observado e incorporado pelos fiéis. Ressalta-se também o que Mauss (2003, p. 215) descreve como a transmissão de técnicas corporais através da imitação prestigiosa, tendência de os sujeitos imitarem os atos bem-sucedidos daqueles em quem confiam, visto que os fiéis imitam a gestualidade da liderança. Esta, portadora de privilégios no âmbito religioso, por ser vista como alvo da “unção divina”.

Os discursos dos pastores são meios eficazes de transmitir as pedagogias da corporalidade através da utilização de uma linguagem constituída por uma força ilocucionária ou performativa, nos termos de Austin (1990, p. 25), também assimilados por Stanley Tambiah (1985, p.119) na sua análise dos rituais religiosos. Para Austin (1990, p. 25), as performances discursivas contêm uma força especial, visto que não simplesmente significam *dizer algo*, mas também *fazer algo*.

Tambiah (1985, p. 130) faz uma adaptação das ideias de Austin para sua análise, expondo que a ação ritual é do tipo ilocucionária, pois as palavras ditas sob as condições apropriadas alcançam uma mudança de estado das coisas ou dos sujeitos, tornando algo eficaz ou ineficaz, a depender do efeito desejado. Esse aspecto performativo do

rito também é acompanhado por características locucionárias (referenciais, portadoras de informação) e perlocucionárias (com consequências para os participantes).

Para a análise dos rituais a seguir, utilizamos a concepção de Tambiah (1985, p. 119), segundo a qual o ritual é um sistema culturalmente construído de comunicação simbólica composta de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e ações, muitas vezes expressas através de múltiplos meios de comunicação. É nessa perspectiva que utilizamos, neste trabalho, o termo “performance”, entendendo-o como uma forma de comunicação que utiliza gestos e falas padronizados para a transmissão da mensagem religiosa.

Na IVV, o ritual do culto inicia-se com o momento de louvor que antecede a entrada do pastor no espaço onde está o púlpito. Nessa parte do culto, a música e a gestualidade que a acompanham são os elementos privilegiados para produzir a conexão dos fiéis com Deus: com os braços erguidos, os olhos fechados, a aposição da mão no coração, o franzir dos rostos e o movimento corporal no ritmo da música, os fiéis acessam o “tempo extraordinário” do ritual.

Quando o pastor sobe ao espaço onde está o púlpito, ele realiza uma oração inicial, que pode ser feita na língua vernácula – acompanhada pelos fiéis, que começam a agradecer a Deus, em português, em voz alta ou em silêncio. Quando a oração é feita em “línguas estranhas”, os fiéis também adotam a expressão linguística, cada um à sua maneira, acompanhando o ritmo da voz e a gestualidade do pastor – a exemplo dos braços erguidos e da palma da mão aberta.

Logo em seguida, o pastor continua a dirigir o culto, lendo trechos da bíblia e testemunhando e pregando conforme a temática escolhida. Em meio às pregações, são enunciadas frases positivas, de efeito e de autoafirmação. A depender da atmosfera do momento, no tocante às bênçãos declaradas pelo pastor, os fiéis, sentados, podem apenas fazer o gesto de imposição das mãos. Conforme ocorrem as declarações por parte do pastor – atos ilocucionais –, também se escutam entre os participantes interjeições: gritos de “glória a Deeeuus!”, “Amém!”, “Aleluia!”, “É fooorte!”, “Uaaaau!” e “Uh-uh!”.

Em momentos específicos da pregação, a linguagem do pastor se manifesta como uma forma de realizar atos e não apenas de descrever algo. Há expressões de gestos e palavras-chave alinhadas à “Confissão Positiva”, com força performativa, e que fazem decorrer efeitos perlocucionais em termos de atitudes dos fiéis, em termos verbais ou na forma da corporalidade. Elaboramos o Quadro 1, abaixo apresentado, com alguns exemplos de enunciados declarados em cultos aos quais assistimos que fazem referência à afirmação de crenças fundamentais da IVV, provocando nos fiéis uma determinada ação. A partir do quadro abaixo, analisamos as performances desencadeadas nos momentos de maior efervescência religiosa. Optamos por apresentar os enunciados separadamente por coluna, sendo as atitudes dos fiéis analisadas em relação a esses enunciados, mas apenas como ilustração didática para uma melhor compreensão das performances colocadas em exercício pelos pastores da IVV, pois as temáticas destacadas podem estar mescladas em uma mesma pregação.

**Quadro 1 – Declarações nos cultos da IVV Sede.**

	1. Expectativa	2. Prosperidade	3. Cura	4. Batalha espiritual	5. Presença do Espírito
a	Coisas tremendas vão acontecer!	Declare: as minhas contas estão pagas este mês.	Aquela vida com enfermidade já passou.	Vamos derrotar o diabo!	Eu declaro a presença de Deus na sua vida.
b	Vai acontecer!	Declare: a falta não me pertence.	Você é uma nova criatura curado e próspero.	Para a glória de Deus e vergonha do inferno.	Diga: eu estou avivado.
c	Crie expectativa para o que vai acontecer.	Eu creio que aquele derrotado não existe mais.	Você está curado, em nome de Jesus.	Eu ordeno o diabo passando vergonha.	Tenha ousadia e receba o Espírito Santo.
d	Se prepare, fique pronto!	Todos os recursos vão vir quando você está determinado.	Tome posse da sua cura.	O diabo vai ser humilhado com sua vitória.	Levante sua voz e fale em línguas.
e	Você vai progredir como nunca antes.	Vai chegar dinheiro para você alcançar vidas.	Pegue e receba, você está curado.	Pise, pise no diabo!	Libere o rio, libere o rio.
f	Você não vai sair da mesma forma que entrou.	O que Deus preparou para você é maior do que pensa.	Seu dia, seu mês, seu ano vai ser abençoado, você estará sarado.	Exerça sua autoridade contra o inimigo,	Mergulhe em Deus de forma intensa.

Fonte: observação direta de cultos da IVV/Sede feita pelo pesquisador

Destacamos a força performativa dos enunciados apresentados acima. Alguns deles usam verbos com força ilocucionária e são ditos no modo verbal imperativo, para assinalar o caráter de ordem, como, por exemplo: “Declare...”, “Tome posse...” e “Tenha ousadia...”. Outros são performativos implícitos, pois, ao enunciarem “Vai acontecer!” (1.a) ou “Coisas tremendas vão acontecer!” (1.c), exprimem um compromisso com o mesmo sentido de: “Eu prometo que vai acontecer”, “seu milagre vai chegar”. Há também enunciados performativos explícitos, tais como “Eu ordeno” e “Eu declaro”. De modo geral, a forma pragmática da fala dos pastores expressa uma ordem ou um compromisso.

Os enunciados destacados podem ocorrer em momentos argumentativos, nos quais o pastor demonstra a manifestação de seu poder, quando utiliza o seguinte formato: “Tenho algo poderoso da parte de Deus”; “Estou na condição de pai/pastor”; “Quando estava preparando a pregação, o Espírito me falou”; e “Existe algo dentro de mim maior que o mundo”. Esses modos de descrição do estado a partir do qual algo será dito procuram conferir legitimidade à pregação, em busca de contribuir para sua eficácia, na medida em que o discurso está imbuído do caráter de “verdades de Deus”. Assim, o pastor torna-se o porta-voz de Deus na Terra.

Conforme Bourdieu ([1996] 2008, p. 60), para a linguagem ser recebida com a importância almejada pelo porta-voz, precisam ser asseguradas “as condições sociais que fazem com que ele possa obter que se lhe conceda a importância que ele atribui a

si mesmo”. Para construir as condições de aceitabilidade e eficácia em seu discurso, o pastor se constitui como um porta-voz autorizado por Deus. O poder de sua palavra decorre da aceitação desse lugar que o líder religioso constrói para si e seu discurso. As condições sociais de aceitabilidade dos discursos afirmadas por Bourdieu (2008, p. 60) correspondem às condições de “eficácia” dos enunciados performativos destacadas por Austin (1990, p. 25). Conforme este, a “ineficácia” de um enunciado ocorre quando ele é feito por alguém desautorizado ou em condições inapropriadas.

Prosseguindo a análise do Quadro 1, observa-se na primeira coluna o que denominamos de *Expectativas*, descritas através de frases pronunciadas no início ou durante a pregação. Esses momentos podem acontecer em contexto de estática corporal ou de dinâmica corporal. De toda forma, esses enunciados são eficazes ao produzir expectativas, na medida em que chamam a atenção dos fiéis para o que vai acontecer no culto e no desenrolar de suas vidas. Os pastores dizem: “Fique pronto!” (1.d) ou “Coisas tremendas vão acontecer!” (1.c). Aqui, são ativados desejos e vontades que ficam tão mais significativos conforme a mensagem religiosa vai sendo vinculada às necessidades de cada fiel. Assim, o culto ou o evento tornam-se um acontecimento único: “Você não vai sair da mesma forma que entrou!” (1.d).

Na segunda fileira do Quadro 1, denominada *Prosperidade*, estão presentes frases enunciadas no decorrer de alguns cultos, especificamente com tema relacionado à área financeira. Ensinam aos fiéis sobre “reinar em vida”, e lhes dizem que “são filhos do dono do ouro e da prata” e que “as circunstâncias da vida não podem os afetar”. Após uma pregação bastante emotiva, o pastor, que se movimenta de um lado ao outro do púlpito e no espaço que fica à frente, bate as mãos e aponta para a plateia, ordenando que os fiéis declarem para si mesmos: “As minhas contas estão pagas este mês!” (2.a) e “A falta não me pertence!” (2.b). Nesses momentos, o pastor combina o volume alto da voz, algumas vezes com uma atitude chorosa, aliada às expressões faciais de contração (há contração do músculo do supercílio e do músculo orbital do olho, originando pregas entre eles). Os dedos apontam para a plateia com firmeza; a postura, geralmente, é de alguém que está na ofensiva, ordenando. A combinação de voz, gestos e postura revela o sentimento do momento (indignação e revolta, ou otimismo e confiança, ou provocação), que é transmitido para os fiéis, induzindo-os a saírem de uma posição de passividade diante das circunstâncias da vida e das “amarras” do diabo.

Quando o tema do culto está relacionado à prosperidade financeira, há sempre uma reação maior advinda da plateia do que as observadas em cultos com outras temáticas. Naquele, os fiéis conduzidos pela performance do pastor respondem das seguintes formas: (1) gritando, no formato supracitado; (2) pulando – com movimentos realizados com os braços esticados para baixo, ou com cotovelos para trás e braços flexionados, ou como um jogador que comemora um gol (saltando e levantando um braço para o alto com a mão fechada ou aberta); (3) dançando – os fiéis sapateiam com os braços para baixo, cruzando-os e abrindo-os; e (4) ofertando – os fiéis fazem doações diretamente aos ministros durante suas pregações. Estas são “ofertas para a vida” do ministrante e são realizadas quando o pregador ministra algo que deixa o fiel “tocado”. Os fiéis, que depositam suas ofertas em recipientes que ficam nas laterais do púlpito, em alguns

momentos se dirigem a estes com expressões semelhantes à do pastor. Essas expressões e ofertas, juntamente com as gargalhadas e aos choros, simbolizam a externalização corporal da aceitação e da aprovação do discurso do pastor.

Na terceira coluna, apresentamos frases emitidas sobre a *Cura* na IVV/Sede. Nessa instituição, observamos que a “cura divina” pode ser realizada no “varejo” ou no “atacado”. O primeiro modelo ocorre geralmente no final do culto, quando o pastor se dirige a pessoas que tenham expressado estar com alguma enfermidade, impondo suas mãos e orando para que o fiel seja libertado da doença. A forma “atacado” ocorre quando há um número grande de pessoas com algum tipo de doença, ficando cada sujeito responsável por tocar em si, impondo as mãos no local da enfermidade, enquanto o ministro faz uma oração com enunciados vistos como tendo força performativa.

Outra alternativa para atender a um grupo grande de fiéis na área da “cura divina” é chamar os pastores e líderes que estão localizados na primeira fileira de cadeiras da igreja para ajudar impondo as mãos nos fiéis. Para isso, uma grande quantidade de diáconos e diaconisas é mobilizada para segurar os fiéis que perdem o equilíbrio ou caem, como também para cobrir com um pano as partes íntimas das pessoas caídas no chão.

Na quarta coluna, apresentamos frases ouvidas em celebrações na IVV/Sede que remetem à “guerra espiritual contra o Diabo”, do “bem contra o mal”. Frequentemente nos cultos da IVV os ministros procuram humilhar o Diabo, exercendo sua autoridade e enfrentando o “inimigo” – “as vitórias e conquistas dos fiéis já são uma humilhação para o Diabo”, dizem os pregadores. Ensinam aos fiéis que é preciso mudar a posição de passividade diante de Satanás. Para isso, precisam ser “comandados pelo Espírito Santo”.

Ao falarem do Diabo nas pregações, os pastores adotam uma posição de autoridade e deboche. Eles dão chutes no ar, batem o pé no chão e, apontando para baixo, gritam com o Diabo. Outra forma de humilhá-lo é dando gargalhadas ou rindo pausadamente (este riso também é exercitado em momentos de “cura divina”, na restauração da “alegria de Deus” e na “libertação de problemas” causados pelas circunstâncias da vida ou “pelo Diabo”). Alguns pastores fazem sinais de armas de fogo e espadas, simbolizando a luta contra o “inimigo”, e mobilizam o “exército” (os membros) para “limpar a cidade” do pecado e “derrotar o Diabo”. Em um acampamento no qual estivemos, os fiéis passaram a imitar os gestos do pastor, dando chutes e socos no ar.

Na última coluna (5) do quadro, destacam-se os enunciados performativos registrados no *Culto do Espírito*. Nesse tipo de culto, os gestos e as falas dos ministros direcionam o fiel para um “relacionamento intenso com o Espírito Santo”. Os pastores costumam dizer que esse não é um culto normal, já que nele a emoção e os movimentos corporais dos participantes são mais intensos do que nos outros cultos (como os Cultos de Celebração). Os pastores instruem os fiéis a levantar os braços, a se movimentar e a falar e cantar em “línguas espirituais”. Em diferentes cultos registramos momentos de falas de pastores e ministros concedendo a licença performática para os fiéis agirem mais abertamente, proferidos das seguintes formas: “levante o braço, fale em línguas e o resto é com vocês”; “não há limite para o Espírito”; “fique em níveis maiores no Espírito”; “esteja aberto para uma bagunça santa no nosso meio”; “um culto como esse é para extravasar”; “para o Espírito chegar é preciso mexer seu corpinho”; “não contenha o fogo dentro de você”; e “Deus tá chamando uma geração para perder o controle”.

O louvor que antecede a oração e a pregação nos cultos do Espírito é mais intenso do que nos demais cultos, progredindo o andamento do nível da emoção e da mobilidade dos fiéis. Dependendo do pastor/pregador, a participação dos integrantes do louvor é contínua, tocando enquanto o pastor ministra e criando uma atmosfera através da música.

Nos momentos de louvor, os espaços vazios do templo são ocupados por corpos de fiéis ajoelhados, sentados, de modo curvado na direção do chão ou abraçando a si mesmos. Observam-se também corpos em movimento – fiéis caminhando de um lado para outro, pulando e dançando. Os fiéis parados ou em movimento realizam orações no formato silencioso ou em voz alta, “conversando com Deus”. Alguns choram, outros sorriem. Ocorre também o *toque corporal*, técnica que põe em contato físico direto dois ou mais participantes de celebrações religiosas (Maués, 2000, p. 123). Esse toque ocorre nas seguintes maneiras: (1) os jovens se abraçam, realizando orações; (2) caminham pelos espaços vazios abraçados; (3) se impõem as mãos<sup>1</sup>; (4) utilizam a unção de mãos, técnica realizada quando um dos fiéis segura o ombro do outro com uma mão enquanto com sua outra mão realiza movimentos repetidos como uma pá, que pega e leva “o fogo do Espírito”, jogando-o em direção à barriga do outro fiel, “enchendo-o do Espírito Santo”.

No momento da pregação, quando os pastores sobem ao espaço em que fica o púlpito, passam a falar em línguas, a cantar, a gesticular com os braços, a pular, a sapa-tear, a gritar e a sorrir. Há uma intensa interação com a plateia, quando os ministrantes dirigem-se a um e a outro manifestando os “dons do Espírito Santo” (a Palavra de Revelação, a Profecia e a Cura). A ênfase discursiva nesses momentos defende que os participantes do culto não sejam apenas consumidores, aqueles que somente querem receber, mas doadores. Insiste-se que todos os presentes têm algo para dar. Com isso, os fiéis passam a exercer os “dons do Espírito” uns com os outros.

O desfecho da participação dos pastores é realizado de acordo com o estilo de cada um deles. Alguns sugerem que os fiéis saiam do lugar e orem em dupla ou trio, “declarando os desejos que vêm ao coração”. Outros chamam um grupo de pessoas à frente do púlpito e, junto a outras lideranças, oram e impõem as mãos em cada sujeito. Há aqueles que pedem ao grupo que foi chamado à frente que dê as mãos ou os braços, formando um círculo, para receberem orações de avivamento. Nesse final, é elevado o grau emocional que induz à catarse coletiva, à “embriaguez” e ao “repouso no Espírito”.

O intenso nível emocional que ocorre no culto do Espírito favorece a irrupção das corridas no espaço do templo. Os fiéis correm aceleradamente em volta da plateia, pelos corredores do templo, sem olhar para trás até a chegada, que muitas vezes coincide com o ponto de partida. As corridas ocorrem nos momentos de pregação, quando a performance do pastor, unindo gesto e fala, motiva as pessoas a essas performances corporais. Falas como “Eu declaro” e “Eu ordeno” acompanham enunciados com soluções para

---

1 Algumas das técnicas corporais, a exemplo da imposição de mãos, da glossolalia e do repouso no Espírito, evidenciadas nos momentos de louvor, foram observadas em estudos focados em comunidades pentecostais (Albuquerque Júnior, 2018), neopentecostais (Cesarino, 2015) e carismáticas católicas (Maués, 2000; Silva, 2018).



as necessidades concretas ou para que os fiéis fiquem em “níveis maiores no Espírito”, “sentindo a presença de Deus”. A voz do pastor é emitida em alto volume, com a presença de gritos eufóricos. Em relação aos gestos, o pastor aponta repetidamente para a plateia e, sempre circulando de um lado a outro, às vezes balança os braços e pula.

Geralmente, correr é uma prática de jovens e adolescentes que ocorre mais frequentemente em cultos como o do Espírito, o dos jovens, o dos adolescentes e em outros eventos promovidos pela IVV para esses segmentos. No entanto, foi possível observar o público adulto correndo quando, por exemplo, o Apóstolo da IVV a isso lhe interpelou. Na pregação desse líder, foi explicitado que, independentemente da posição social (idade, profissão e classe), o crente deveria se “entregar ao mover do Espírito”. Para o apóstolo, aquele ambiente não é “lugar de ficar socialmente correto”, não adiantando “um médico ou advogado ficar socialmente correto e não ter fogo selvagem”.

Bauman e Briggs (2006, p. 196) afirmam que a avaliação da habilidade e da eficácia dos talentos dos performers pela audiência é uma dimensão central na análise da performance. Na IVV, a avaliação do performer pela audiência é feita pelo nível de respostas dos participantes dos cultos. O pastor talentoso e de sucesso provoca emoções e desperta reações corporais. Ele consegue mobilizar e sensibilizar a massa de fiéis e orquestrar seus movimentos, que culminam em êxtases, convulsões e “descansos no Espírito”. Um pastor “morno”, com baixo desempenho, dificilmente conseguirá, por exemplo, arrecadar ofertas para si, e não receberá dos fiéis relógios, dinheiro, sapatos e outros utensílios que são ofertados aos pastores avaliados como “quentes” e “de poder”. Salientamos que esse tipo de doação se distingue da arrecadação dos dízimos e ofertas.

Por fim, da mesma forma que a plateia corresponde aos estilos de orações em línguas no momento inicial, passa a expressar, verbalmente e corporalmente, a sua concordância com o que é enunciado na pregação. Conforme Tambiah (1985, p. 119), há redundância e repetição no processo ritual, não somente porque há reprodução verbal dos enunciados, mas porque a mensagem transmitida nos rituais é repetida através de vários meios. Nesse caso, a pregação, a performance, o louvor e a oração correspondem aos múltiplos meios de transmissão da mensagem religiosa. Em cultos específicos, como o Culto do Espírito, esses meios são acionados simultaneamente, criando um ambiente emocionalmente intenso para os fiéis “sentirem a presença de Deus”.

## **Experiências religiosas na IVV**

Em relação à experiência religiosa, foram considerados os sentimentos, as emoções e as sensações corporais dos sujeitos participantes das atividades realizadas pela comunidade religiosa. Ao adentrarem no contexto de uma determinada religião, os sujeitos passam por um conjunto de rituais regulados institucionalmente, em que as várias experiências são estimuladas e estruturadas de modo a provocar certas sensações, emoções e estados mentais (Mellor; Shilling, 2010, p. 32).

A comunidade aqui estudada tem um foco acentuado na dimensão da experiência, centrando-se nos aspectos emocionais e corporais através dos quais os fiéis podem experienciar a religiosidade por ela proposta. As transformações de vidas que objetivam

ocorrem especialmente através de momentos de experiência que valorizam o estímulo aos cinco sentidos como mediação do encontro dos sujeitos com Deus.

Propiciando o que é definido na IVV como “momentos poderosos de encontro com o Espírito Santo”, entende-se que, na comunidade, é por meio do corpo que o divino é experimentado. De acordo com Rebecca Norris (2005, p. 186), esse tipo de religiosidade se baseia na concepção de que é através do corpo que o conhecimento e a experiência religiosa são transmitidos e aprendidos.

O conceito de Thomas Csordas (2008, p. 372), denominado de *modos somáticos de atenção*, é uma ferramenta que nos permite apreender as maneiras pelas quais os sujeitos experienciam a religião. Partindo de uma inspiração fenomenológica, o autor faz o exame de duas teorias: a de Merleau-Ponty, que problematiza a percepção (refletindo sobre o conceito de pré-objetivo), e a de Bourdieu, que situa a corporeidade como espaço antropológico da prática (refletindo sobre o conceito de *habitus*).

Csordas (2008, p. 372) desenvolve, por sua vez, o conceito de *modos somáticos de atenção*, que são as “maneiras culturalmente elaboradas de estar atento a e com o corpo em ambientes que incluem a presença corporificada de outros”. O autor enfatiza que a atenção envolve um engajamento sensorial e também um objeto. Estar atento “a” refere-se à atenção ao corpo no mundo, isto é, às sensações corporais. Mas, como essa atenção envolve um meio intersubjetivo que ocasiona a sensação, prestamos atenção “com” o corpo. Desse modo, Csordas (2008, p. 372) propõe a compreensão da elaboração cultural do engajamento sensorial.

O modo somático de atenção denominado de “unção” foi trabalhado por Csordas (2008, p. 375) quando se refere às práticas dos curadores carismáticos. No nosso trabalho, focalizamos como esse modo somático é experienciado por fiéis da IVV, comunidade na qual a “unção” se refere ao poder de Deus, evidente no ambiente e nas pessoas. Quando manifestado esse poder, os fiéis são contagiados e desencadeiam reações corporais. Durante nosso trabalho de campo, observamos que os fiéis frequentemente relatam que a “unção está forte” ou que “foram pegos pela unção”. Eles descrevem essa sensação como “arrepio”, “alegria”, “senso da presença de Deus”, “leveza”, “refrigério” e “energia”.

O “cair no Espírito” é uma técnica corporal que ocorre em momentos nos quais os fiéis são “pegos pela unção”. Essa prática foi constantemente presenciada na IVV. Geralmente, acontece após a pregação e o louvor, quando os fiéis são chamados a se “entregar ao Espírito”. Assim, a partir da imposição de mãos sobre os fiéis, tocando-os e realizando orações na língua vernácula, alternadas com as feitas em línguas estranhas, eles caem ao solo, amparados pelos diáconos. A ênfase discursiva dos fiéis entrevistados sobre suas quedas foi a de que, com os olhos fechados e “conscientes sobre o que acontecia nos arredores”, “o corpo não suportou o poder da unção”.

Então, já acontece de eu cair na unção, e quando eu caí na unção, aparentemente, quem tava vendo de longe via que eu tava apagada, mas eu não tava apagada. Eu tava consciente, eu percebia o que tava acontecendo ao meu redor, escutava. Eu tava com o olho fechado, mas eu sentia uma presença de Deus muito forte dentro de mim. Às vezes eu até queria levantar, mas era uma unção muito forte que eu não conseguia. E também não queria. Tava muito bom ali... E, assim, depois de um tempinho eu consigo me levantar e voltar pro meu lugar, mas com uma presença muito forte de

Deus ainda. Eu sentia uma paz muito grande, eu sentia uma vontade realmente de falar em línguas, mais forte, sabe? Eu me sentia conectada com Deus de uma forma mais intensa do que o normal. Tudo isso acontecia em um único momento. É como se fosse tudo de uma vez (Maria<sup>2</sup>, entrevista pessoal, 2018).

O “cair na unção” envolve a passividade do corpo, que é, então, “dominado pelo poder divino”. Também observamos que se espera que esse tipo de experiência ocorra espontaneamente: “Você cai e nem sente. Parece uma pena”, informou uma entrevistada. A percepção relatada por Maria sobre suas experiências foi recorrente entre nossos entrevistados: a sensação da “presença de Deus” e de “uma paz”.

Em relação ao “batismo no Espírito Santo”, evidenciado pelo falar em línguas, observamos que há todo um esforço por parte do “nascido de novo” para que ele aconteça. Observamos que os momentos emocionalmente intensos, estimulados pelo pastor e pelas músicas de adoração, são ocasiões em que esse tipo de evento ocorre. Segundo líderes entrevistados, eles têm um papel ativo para que os batismos no Espírito aconteçam. Carlos, um fiel da IVV, nos contou que o seu batismo no Espírito Santo ocorreu no Acampamento da igreja, quando passou a falar em línguas:

[...] as pessoas começaram a falar em línguas, tinha um louvor muito tocante, e eu comecei a orar: “Senhor, eu quero ser batizado, eu quero ter essa experiência com o Senhor”. E eu comecei depois a falar e o pastor dizendo lá “olhe, você” que tá aqui e não é batizado com o Espírito Santo, deseje, comece a orar dizendo assim ‘Senhor, eu desejo ser batizado, desejo experimentar isso, porque ser batizado é uma ordem do Senhor, eu quero ser batizado’”. E foi assim minha oração, né? Eu comecei a chorar muito e dizer “Senhor, eu quero, eu desejo ser batizado, eu desejo sentir o Senhor mais forte, mais intenso”... E aí eu botei um pouco de força, com medo de tá inventando algumas palavras, porque como é uma coisa que eu não conheço, eu posso inventar ou eu posso falar o original, verdadeiro. Mas é fé. E eu comecei a falar algumas palavras, começou devagarzinho, começou a vir, começou a vir, comecei falando... Eu chorei. Chorava muito, sabe? Eu chorava porque eu sentia algo, havia um sentimento muito forte. E não era um sentimento de “ah, tô triste, tô alegre”. Não era isso, era um sentimento muito forte, incontrolável até, às vezes, um sentimento da presença de Deus... Me trazia, realmente, como se Deus tivesse perto de mim naquele momento, sabe? Eu chorava muito... sendo grato. Esse choro não era um choro de tristeza, mas era um choro de alegria, de gratidão pela vida, pela salvação, sabe, por quem Deus era. E começava a lembrar quem eu era... e quão feliz eu estava naquele dia, por ter tido esse contato com Deus. Foi algo muito forte mesmo, eu chorava de alegria, de gratidão e me forcei, “eu vou falar em línguas, eu vou”... E comecei a falar umas palavrinhas, e foi vindo, e foi vindo... E de repente eu comecei a falar muitas palavras que eu não conhecia... Foi minha força, mas eu não conseguia às vezes até controlar a velocidade que as palavras vinham, palavras estranhas, mas eu tava gostando daquilo. Era algo que eu falava, mas não era algo de mim, era algo do Espírito e totalmente consciente, orando... Mesmo, mesmo eu falando em línguas, sem saber o que estava fazendo, falando, mas eu tinha consciência do que tava acontecendo, eu tava chorando, mas eu tava em pé, eu tava em pé, eu tava com os braços levantados, eu tava desejando aquele momento (Carlos, entrevista pessoal, 2018).

Constata-se na fala de Carlos sua experiência pessoal de falar em línguas estranhas em um momento de “contágio”, no qual experimentou sintomas físicos e emocionais. De acordo com os entrevistados, eles falam as línguas estranhas em todos os ambientes, em momentos coletivos e particulares, por exemplo, quando estão em seus lares. Por

---

2 Todos os entrevistados estão sob nomes fictícios, para preservar a identidade destes.

outro lado, no caso de Carlos, havia um engajamento sensório-motor de sua parte, que envolvia visão, audição, cinestesia e cenestesia. Carlos estava envolvido pelo louvor e pela pregação, focando também sua atenção à coletividade envolvente que “falava em línguas” e compartilhando das mesmas técnicas do corpo ativadas no ambiente religioso. Como cenestesia, que são impressões sensoriais internas não específicas que resultam numa impressão geral de bem-estar ou mal-estar, destaca-se a sensação forte que Carlos descreve como “presença de Deus” e “como se Deus estivesse perto”, que posteriormente se transformou em um sentimento de alegria e gratidão.

Já como cinestesia, conjunto de sensações que nos permite a percepção dos movimentos corporais, através das quais temos as informações da posição do corpo em relação ao ambiente à nossa volta, destaca-se o momento em que Carlos percebeu o próprio corpo na experiência: “eu tava chorando, mas eu tava em pé, eu tava em pé, eu tava com os braços levantados”. Assim, em concomitância, havia um ambiente emocionalmente intenso e um engajamento corporal de Carlos para começar a “falar em línguas”. O engajamento dos sentidos na experiência, como descrito pelo entrevistado, aponta para certo encadeamento de observação, repetição e treino da atenção, com o objetivo de aquisição de certas habilidades e sensibilidades que se transformam em disposições duradouras, ou seja, algo que se conquistou.

Para Norris (2005, p. 188), quando os sujeitos passam a vivenciar uma religião, a repetição dos rituais muda a experiência do praticante à medida que ele desenvolve habilidades corporais. Segundo a autora, no processo de repetição sistemática de eventos rituais para a produção de emoções e sensações, as tradições religiosas são transmitidas e recorrentemente treinadas através de gestos ou posturas rituais. Isso significa que, ao visualizar uma postura ritual, o participante tem a experiência multidimensional de recordar a imagem dessa postura e as emoções associadas a ela. O sujeito experiencia, portanto, uma fusão entre a imagem e o corpo, na medida em que a imagem ativa impressões sensoriais e sentimentos associados à posição a qual se vincula.

Ainda conforme Norris (2005, p. 190), gradualmente, mas também em saltos repentinos, na medida em que o corpo se torna sintonizado para alcançar certos tipos de experiências, as dimensões físicas e emocionais das atividades religiosas se tornam uma experiência pessoal incorporada.

A repetição de uma postura corporal (como ficar em pé com os braços erguidos), ao som de certo tipo de música e com certos estímulos narrativos, faz emergir imagens associadas a sentimentos (como a forte alegria narrada por Carlos). As associações entre posições ritualizadas, imagens e sensações tornam-se possíveis porque a memória também armazena experiências sensoriais, e quando uma lembrança emocional é lembrada, é experimentada novamente (Norris, 2005, p. 190).

A manifestação da unção no culto está diretamente relacionada aos momentos de exercício do “dom divino da Palavra de Revelação”. Nesses momentos, a atenção dos fiéis está direcionada ao pastor, que anuncia em vários momentos de sua performance: “Fique pronto! Coisas tremendas vão acontecer!”. Quando os pastores enunciam as “revelações”, um conjunto de reações corporais pode emergir dos participantes, que narram essas reações como “celebrações”. De acordo com Carlos, o uso da corporalidade nas corridas foi ocasionado num momento de forte unção:

Com relação à corrida, quando você tá sentindo o Espírito Santo de uma forma mais intensa... O que é esse sentir o Espírito Santo? O que é quando eu digo “ah, senti o Espírito Santo?”. Você realmente sente mesmo, seu sentimento, o seu corpo, uma, que a gente chama de unção... a unção de Deus é como se não conseguisse administrar, é algo muito forte. Não é algo administrado como um sentimento que você consegue administrar. Ele vem de alguma forma que você tem que botar pra fora de alguma forma. E quando eu corri, era um sentimento muito forte na hora, e meu estado de espírito naquele momento era de alegria intensa, que a Bíblia chama de alegria indizível. Eu não conseguia... dizer, eu não... um riso só não ia... não ia demonstrar todo aquele sentimento. Então tinha que correr, eu tinha que fazer algo mais forte pra extravasar. Pronto, encontrei a palavra. Extravasar aquele sentimento que tava dentro do meu coração, sabe. Não era um sentimento que me vem... É um sentimento tão bom, que eu gostaria... É como se você tivesse tomado uma... eu não vou dizer uma droga, não é essa a palavra, mas como se tivesse tomado um remédio muito forte, um energético muito poderoso e você não conseguisse administrar aquela... aquele efeito colateral. Quando eu corria eu sentia uma adrenalina muito grande. E após a corrida, quando eu corria, correr assim dentro da igreja mesmo, em volta das cadeiras, de toda a área da igreja, corria, mas eu corria meio assim “Senhor, eu estou correndo aqui, mas eu estou extravasando aquilo que o Senhor está colocando dentro de mim”. Depois da corrida passava mais, era extravasado aquele sentimento de muita... de muita... de muita alegria e aí vinha a calma e voltava meu estado normal de emoções... e ok. Eu ficava ali, orando, tal... Quando eu ria no Espírito, às vezes você ri, incontrolavelmente, é a mesma coisa, uma alegria indizível, você não... É uma alegria tão forte que você não consegue explicar. É uma alegria que a sua vontade é só rir (Carlos, entrevista pessoal, 2018).

Vejamos que na experiência de Carlos aparece novamente a percepção cenestésica, narrada como um sentimento “muito forte”, “muito bom” e também uma “alegria intensa”. Mas, agora, ele associa essas sensações ao efeito de uma “droga”, um “remédio” ou um “energético”. Essas são formas a partir das quais ele percebe seu corpo na experiência. Assim, essa energia é administrada pelo seu corpo através das corridas, o que ele chama de “extravasar”, até voltar a seu estado “normal”.

São momentos específicos, são momentos que dependem muito da palavra que foi ministrada, depende da situação que você tem vivido naquele momento, da fé que você tem que exercer. Assim, momentos que eu tava vivendo da minha vida, às vezes eu vivia uma pressão muito grande, uma pressão ou de contas, ou uma pressão... enfim, de pessoas... e aí às vezes aquela palavra daquele pastor, daquele ministro vinha motivando, que Deus era meu senhor, que Deus cuidava de mim, e ele começava a citar versículos da Bíblia em que Deus falava coisas sobre a minha vida, que eu era filho, eu era amado, eu era bênção... eu era próspero em Cristo Jesus, que eu era herdeiro e coerdeiro com Cristo... passagens bíblicas que diziam quem eu era em Deus e quem Deus era pra mim. Isso era... que a gente chama... a gente chama, na igreja, de “revelado”. Aquilo era revelado no meu coração, era como se eu entendesse. Era como as pessoas dizem aquela expressão “eureka”, né? (Carlos, entrevista pessoal, 2018).

Na fala de Carlos, aparecem as circunstâncias vivenciadas no contexto de receptividade da mensagem: “uma pressão muito grande, uma pressão ou de contas”. Assim, as palavras de motivação e otimismo do pastor, narradas por Carlos como “Deus cuidava de mim” e “que eu era filho, eu era amado, eu era bênção”, se enquadram num contexto variado de recepção e, quando assimiladas por cada ouvinte, são recebidas como se fossem direcionadas para cada participante. Além das palavras de perseverança, os pastores também fazem “revelações” sobre problemas financeiros e amorosos. Vejamos o que posteriormente o entrevistado nos relatou:

Depois da palavra entra um momento de oração, existe um louvor... Claro que existe toda uma atmosfera, um ambiente que ajuda os sentimentos a florescerem. Eu sei que não é só sentimento. Não é só sentimento, é algo que vem da parte de Deus mesmo, e eu sinto. E aí pronto, aquilo é revelado pra mim, eu entendo quem eu sou em Deus, eu entendo que são pressões que eu estou passando, são coisas que têm acontecido na minha vida que é só um momento. E eu sei também que existe a força do Diabo, de querer me tirar daquilo que Deus tem, e mostrar que eu não sou capaz, que não posso... Então nesses momentos eu consigo entender, “rapaz, não, é mentira, eu não sou isso”... Eu já comi muitos frutos disso, sabe? Já comi muitos frutos com relação a isso (Carlos, entrevista pessoal, 2018).

As emoções desencadeadas pela oração em línguas e pelo louvor – para os fiéis, “Deus pode falar através da música” – afirmam o que foi revelado na pregação. Outra entrevistada, Carla, associando a igreja a um hospital, afirmou buscar “remédios” para suas tristezas e decepções amorosas no culto:

Muitas vezes eu cheguei muito triste e precisando de uma palavra... Muitas vezes foi o que aconteceu. Deus falou “filha, fica calma que eu tô cuidando de tudo, tô providenciando tudo”... Eu chego na igreja com uma necessidade que ninguém sabe. Deus sabe minha necessidade. Que eu tô precisando de uma palavra sobre aquela... aquilo que eu tô passando no momento. Pronto, um exemplo, eu tava... depois que eu e [namorado] a gente rompeu, eu fui pra igreja e eu tava assim, bem pensativa... Então Deus falou comigo através de um ministro lá. Ele não sabia. Mas ele disse muita coisa... Deus falou muita coisa comigo ali, naquele culto, eu sei que não foi em vão. Deus, ele faz assim, às vezes a gente não sabe o que vai acontecer, mas Deus já tem um plano naquela noite. Então, quando as pessoas começam a gritar, a responder aquilo ali, que aquilo ali é uma resposta, né... muitas pessoas foram ali querendo resposta, e quando o pastor é guiado pelo Espírito Santo, alguém que tá lá, e começa a declarar aquilo, quando o povo começa “aleluia”, e gritar, e correr, recebeu aquilo pela fé (Carla, entrevista pessoal, 2018).

Torna-se problemático interpretar as “revelações” e “celebrações” como simplesmente causa e efeito, e perder de vista que os fiéis narram as revelações como algo para se “receber”. O sujeito participante do culto espera do pastor uma palavra singular para si, que é canalizada através do corpo. A expectativa pela “Palavra” pode provocar um estado de ansiedade – perceptível no depoimento de Carla, quando ela enuncia que estava “precisando muito de uma palavra” e “chego com uma necessidade” – que demanda maior atenção e sensibilidade ao que vai ser pronunciado. Nesse sentido, quando a entrevistada vai ao culto na expectativa de que “Deus tem um plano naquela noite” e, por outro lado, o pastor afirma que “coisas tremendas vão acontecer”, passa a emergir a possibilidade do “recebimento”.

Ressaltamos que os fiéis não estão simplesmente em busca de resoluções de problemas concretos, mas também à procura de uma experiência transcendente, assinalada pela expressão frequentemente ouvida do desejo de “ficar cheio do Espírito”. A busca por essa experiência torna-se recorrente. Cada fiel procura uma superação da experiência anterior para ficar em “níveis maiores no Espírito”. Como vimos, o pastor é o mediador responsável por conduzir os fiéis nesse processo, sendo também avaliado nessa função. Quando a pregação é “bem-sucedida”, com o registro de muitos sinais do poder que circulou na celebração religiosa, surge o reconhecimento do pastor como “homem usado por Deus” ou “homem ungido”.

Outro elemento ressaltado nas entrevistas foi a queixa em relação à vida mundana de quando ainda não se “nasceu de novo”, marcada por um “vazio”. Por outro lado, ao se converter, as pessoas entrevistadas, a exemplo de Carla, descrevem a sensação de completude a partir da experiência de ficar “cheia do Espírito”:

Quando a gente tá cheio do Espírito a gente já não... não pensa mais sobre o que... sobre a vida, é tomado pelo Espírito Santo, então já é uma nova dimensão. É tipo... Eu digo assim, no louvor, quando a gente tá adorando a Deus nada falta naquele momento. Não há falta, entendeu? Deus tá suprindo de uma forma tão sobrenatural que nada falta. Então a questão do Espírito Santo, ele vem preencher um vazio. Preenche um vazio. É, isso é só... isso é tipo respondendo ao que ele quer. Assim, se a igreja tá em uma unção, então eu começo a sentir aquilo também. De correr, eu não sou muito de correr na igreja, mas eu já gosto de dar glória a Deus, de dançar no momento. E a questão de cair, não sei se você já viu (Carla, entrevista pessoal, 2018).

No trabalho de Coleman (2000, p. 127) sobre os pentecostais suecos, o autor expõe que as palavras atravessam um fluxo contínuo de internalização/externalização que permeia os corpos dos fiéis e gera uma corrente de circulação verbal. No processo de internalização, Coleman (2000, p. 127) chama atenção para o fato de que os fiéis não consideram estar interpretando a Bíblia ou os sermões inspirados, mas que estão “recebendo” ou incorporando um entendimento para ser compartilhado. As palavras “poderosas” e “ungidas” do pastor, assim como os versículos bíblicos lidos, são memorizadas e incorporadas à pessoa, transformando-a numa representação que anda e fala deste poder em sua vida cotidiana. Assim, quando adquirido o *habitus* religioso, os crentes passam a externalizar as palavras e atitudes dos pastores e dos personagens bíblicos, procurando alcançar os mesmos resultados.

A externalização, conceituada por Coleman (2000, p. 131), relaciona-se ao nosso trabalho, por exemplo, quando os fiéis são instados a tornarem-se “doadores”, o que, na IVV, se configura mais como uma exigência do que como uma orientação. As palavras incorporadas são externalizadas na interação entre os fiéis em momentos específicos dos rituais, quando se formam grupos de dois ou três deles, e também nos momentos extrarritual, na vida cotidiana.

Os fiéis da IVV, com o corpo socialmente moldado, recebem (internalização) a palavra no momento da prédica, quando impõem as mãos, erguem os braços, correm, dançam, pulam e gritam. Também transferem as palavras “ingeridas” (externalização) de forma performática, quando passam a tocar o outro (através de mãos dadas, de mãos no ombro ou na cabeça do outro ou de um abraço, por exemplo). Na transferência da mensagem pelos fiéis há, também, uma força performativa, observada quando o poder do Espírito Santo é transferido do corpo da pessoa para o ambiente ou para outro sujeito.

Em dois momentos fomos abordados nos cultos da IVV: a primeira ocasião, no culto dos jovens, e a segunda no culto do Espírito, alvos dessa rede de circulação da palavra e das experiências, quando os fiéis externalizam o que está internalizado neles. O primeiro fiel que nos abordou falou que “coisas boas estavam para acontecer”, que questões da “vida financeira estavam sendo resolvidas, como um nó desatando”, e orou para que “todas as áreas da vida fossem bem”. Na segunda ocasião, após sermos abordados por um profeta, um fiel por trás passou a dizer “sucesso em sua vida”.

Destacamos que essas palavras “liberadas” pelos fiéis são proferidas de forma recorrente nos sermões dos pastores/pedagogos e, ao serem transferidas, com os toques corporais, como os abraços e a imposição de mãos, representam externalizações do “poder do Espírito Santo” que os fiéis experimentam em si, nos seus corpos. Elaborada uma rede de circulação de palavras, os fiéis que “deram a palavra” aguardam reciprocidade, não necessariamente pelo receptor da mensagem, para “retroingerir” o poder doado ou transmitido pela externalização.

O trabalho de Coleman (2004) nos permite refletir sobre o sistema de dádiva, num sentido maussiano, marcado pelas trocas realizadas entre o pastor e os fiéis nos momentos de pregação na IVV. Há uma reciprocidade que coloca em circulação palavras, objetos e recursos financeiros. Como relatado pelos fiéis, as ofertas aos pastores são formas de gratidão pela palavra recebida e pelo “maná” outorgado. Essas ofertas aparentemente são espontâneas, não rotinizadas e não criam laços duradouros ou dívidas entre os sujeitos envolvidos, pois os fiéis reconhecem que a mensagem foi de inspiração divina, sendo o pastor o seu receptáculo. No entanto, aqueles reconhecem na figura deste um homem “ungido” e mediador do sagrado, sendo, portanto, digno de gratidão pelo que consegue transmitir.

As palavras colocadas em movimento pelos pastores ocasionam duas situações: a primeira se configura quando os fiéis “recebem” as palavras e ofertam objetos ou dinheiro como forma de gratidão. Essas ofertas recebidas pelo pastor são vistas como efeitos de sua obediência: “ele plantou no Reino de Deus e está colhendo”. A segunda ocorre na medida em que as palavras recebidas são internalizadas pelo fiel e, posteriormente, distribuídas nas interações com os outros fiéis, quando passa a externalizá-las, compondo a rede de circulação da palavra.

Cabe também destacar que a experiência de se “encher do Espírito Santo” é comparável à de alguém que ingere bebida alcoólica: “As consequências é parecido com quando alguém que bebe. Você fica um pouco trevaliando. Você às vezes pode cair, às vezes você ri incontrolavelmente” (Flávio, entrevista pessoal, 2018).

“Beber do Espírito” materializa-se nos corpos dos fiéis a partir do momento em que se apresentam sinais físicos dos efeitos da “embriaguez”. Alguns fiéis narraram que em alguns momentos o “poder” ou a “energia” que sentiam em seus corpos era tão forte que perdiam o equilíbrio ou não conseguiam se segurar. Por isso, ficavam cambaleando pelo templo, com tremor no corpo ou, então, caíam no chão. Isso geralmente acontece quando eles realizam orações impondo as mãos, se abraçando ou por meio da “unção de mãos”. Lembramos que esta última técnica consiste no momento que o fiel pega o poder divino como se estivesse manuseando uma pá, como se ele fosse algo palpável, depositando-o na barriga de outro, intensificando a experiência religiosa de quem recebe.

Por fim, nas interações descritas, ao mesmo tempo em que os fiéis internalizam/externalizam as palavras “ungidas”, também transmitem uma energia que, materializada nos corpos dos fiéis, podem ocasionar efeitos como a “embriaguez”. Esses compromissos com o corpo são possíveis na medida em que os fiéis estão em um *habitus* particular que lhes permite adquirir habilidades e orientações específicas.



## Conclusão

As nossas observações e descrições dos rituais e das experiências religiosas dos fiéis da Igreja Verbo da Vida apontam para a importância dada ao uso intensivo do corpo nos cultos desta organização religiosa. Neste empreendimento, procuramos analisar as pedagogias da corporalidade colocadas em exercício pela instituição citada, descrevendo o modelo de corporalidade ensinado/aprendido.

Mostramos como as performances das lideranças e as músicas de louvor e adoração ativam as emoções e o uso de determinadas expressões corporais, conduzindo o contato íntimo dos fiéis com a divindade, sendo as lideranças significativamente importantes para motivarem os fiéis a buscarem um amadurecimento espiritual.

Os cultos tradicionais protestantes são marcados por uma pregação aprofundada da “Palavra” e priorizam elementos didáticos e racionais para seu ensino e seu estudo. Nos momentos de sermões pedagógicos das comunidades que mantêm esse tradicionalismo, expressões corporais e elementos exteriores são evitados, para não contaminar o culto e deslocar a atenção dos fiéis. Prioriza-se, assim, o estudo racional do evangelho. Como podemos observar, longe de ser um culto tradicional – no qual o comprometimento com a reflexividade bíblica se traduz em um silêncio predominante no ambiente, contribuindo para a meditação das passagens bíblicas, e onde prevalece um espaço organizado de fiéis enfileirados e preparados para uma experiência intelectual – o culto da IVV, da corporalidade e das experiências sensoriais-corporais, é marcado por uma proximidade assinalada pelo alto contato e pela “liberação” dos movimentos do corpo. Assim, nos momentos de louvor e pregação, a reflexão é acompanhada pelo exercício de um repertório gestual bastante diferenciado em relação aos evangélicos tradicionais.

Por fim, nos cultos coletivos da IVV, valoriza-se a experiência religiosa mística, esta que envolve contatos corporais que recuperam um sentido fraterno e afetivo entre os participantes. Assim, as pedagogias da corporalidade nos cultos internalizados/externalizados envolvem atos como cair, pular, dançar e cambalear, bem como abraços, toques e olhares que expressam aproximação com o divino.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, V de. Fronteiras semânticas: dialogismo das linguagens rituais pentecostais e umbandistas – uma análise das expressões gestuais. 254f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

AUSTIN, John L. Quando dizer é fazer: palavras e ação. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. *Ilha*, v. 8, n.1, Florianópolis, pp. 185-229, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. São Paulo: Edusp, [1996] 2008.

CESARINO, Flavia T. *Corporalidade neopentecostal: análise e concepção de corpo na Igreja Bola de Neve de Marília*. 87f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2015.

COLEMAN, Simon. *The globalization of charismatic christianity: spreading the gospel of prosperity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

COLEMAN, Simon. *The charismatic gift*. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v.10, n. 1, pp. 421-442. 2004.

CSORDAS, Thomas. *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

MAUÉS, Raymundo H. “Bailando com o Senhor”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). *Revista de Antropologia*, v. 46, n. 1, São Paulo, pp. 09-40, 2003.

MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo*. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, [1934] 2003, pp. 209-233.

MELLOR, Philip A. & SHILLING, Chris. *Body pedagogics and the religious habitus: a new direction for the sociological study of religion*. *Religion*, v. 40, pp. 27-38, 2010.

NORRIS, Rebecca S. *Examining the structure and role of emotion: contributions of neurobiology to the study of embodied religious experience*. *Zygon*, v. 40, n. 1, pp. 181-201, 2005.

RABELO, Miriam C. M. *Estudar a religião a partir do corpo: algumas questões teórico-metodológicas*. *Caderno CRH*, v. 24, n. 61, Salvador, pp. 15-28, 2011.

SILVA, Leticia R. T. *A corporeidade de jovens católicos pertencentes à renovação carismática*. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

TAMBIAH, Stanley J. *A performative approach to ritual. Culture, thought, and social action: an anthropological perspective*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, pp. 123-166, 1985.

Recebido: 15 de janeiro de 2020.

Aprovado: 29 de maio de 2020.